

ESTUDOS DE LINGUÍSTICA

VOLUME I

ANA R. LUÍS
COORD.



IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

OPOSIÇÕES ASPETUAIS EM PORTUGUÊS LÍNGUA SEGUNDA.
O CASO DOS FALANTES DE RUSSO EM CONTEXTO DE IMERSÃO

1. Introdução

O trabalho de investigação linguística levado a cabo procurou avaliar o reconhecimento de algumas formas de expressão do aspeto em Português por parte de falantes de Russo em contexto de imersão, isto é, inseridos na sociedade portuguesa, mas não necessariamente com instrução formal de Português. Para tal, foram consideradas, por um lado, algumas oposições aspetuais consideradas relevantes, descritas de acordo com as perspetivas teóricas de Comrie (1976) e de Cohen (1989). Por outro lado, para a investigação propriamente dita, foi feito um inquérito, em que avaliámos o reconhecimento de algumas formas de expressão do aspeto em Português por parte de falantes de Russo em contexto de imersão, para apurarmos facilidades ou dificuldades que pudessem revelar a respeito da aquisição do aspeto em Português. Procurámos, portanto, averiguar se estes informantes, possuidores de um conhecimento aspectual prévio, reconheceriam determinados valores aspectuais numa configuração linguística distinta. Além disso, relacionámos os juízos dos informantes sobre configurações do aspeto em Português com a seguinte condicionante - o contexto real de comunicação.

Dos resultados obtidos evidenciam-se possíveis vantagens propiciadas pelo contexto linguístico e social para o reconhecimento de valores e de oposições aspectuais do Português, por contraste com uma menor relevância da instrução formal. Da mesma forma, em alguns casos, o conhecimento da língua materna dos informantes mostra-se mais influente e decisivo do

que a aprendizagem formal da língua. Por outro lado, particularidades aspectuais do Português, que não encontram correlações com a língua materna, não são claras aos olhos dos informantes. Por fim, observam-se dificuldades que os informantes têm em discernir semanticamente frases com configurações aspectuais, sobretudo se não estiverem acompanhadas por outros elementos contextuais.

102

Concluiu-se que, apesar de estarem contidas noções aspectuais no sistema da sua língua materna, e independentemente de terem tido instrução formal de Português, os falantes de Russo revelam algumas dificuldades em reconhecer formas de expressão do aspeto expressas somente pela morfologia do verbo (nomeadamente o Pretérito Imperfeito). Pelo contrário, formas frequentemente utilizadas no contexto comunicativo quotidiano parecem ser mais perceptíveis, o que indicia uma relevância do contexto de imersão.

2. Aspeto(s)

Existe uma dificuldade em definir universalmente o termo *aspeto* no que respeita à sua expressão formal em sistemas verbais de línguas geneticamente afastadas, como o Português e o Russo, contrariamente à definição semântica que, em geral, é dada ao conceito: o modo como perspectivamos a estrutura temporal interna de uma situação (Comrie 1989: 13). Na verdade, alguns linguistas consideram que não existe aspeto senão em línguas eslavas, ao passo que outros caracterizam como aspectuais determinadas particularidades semânticas não introduzidas pelas outras categorias verbais (Cohen 1989: 7). Por essa razão, não existe uniformidade terminológica no uso do termo: é utilizado presentemente para definir oposições semânticas gerais, assim como, em seu sentido restrito, para exprimir particulares oposições gramaticais baseadas em determinadas distinções semânticas presentes em línguas como o Português (Comrie 1976: 6).

A tradicional atribuição de dois tipos de aspecto diferentes presentes em Português e Russo – aspecto gramatical e aspecto lexical, respectivamente – deve-se ao facto de, na primeira língua, a perspetivação da estrutura

temporal interna da situação poder ser marcada gramaticalmente, pelos tempos verbais Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito, que expressam a distinção aspectual – perfeito/imperfeito – respeitante a uma situação acabada/inacabada (ou com limites definidos/não definidos); na segunda língua, por seu turno, a perspetivação da estrutura temporal interna da situação é marcada lexicalmente, através de processos de formação de palavras como a afixação, sendo a distinção aspectual perfeito/imperfeito a base definitória do sistema verbal; na terminologia do sistema russo, estes dois critérios de organização verbal são designados de aspeto perfeito e aspeto imperfeito.⁶²

Contudo, a designação de aspeto gramatical atribuída ao Português, parcialmente adequada, releva unicamente os processos gramaticais, de que fazem parte formas verbais (PP, PI, Pretérito Perfeito Composto), verbos de operação aspectual e adverbiais, menosprezando, assim, outros processos, lexicais, relativos à expressão do aspeto, como a classe aspectual do predicador e a formação de palavras.⁶³

No que toca a aproximações no campo do aspeto, as duas línguas partilham algumas funções aspetuais que são desempenhadas pelo tempo Presente (russo e português), e por outros tempos verbais (o Pretérito de aspeto imperfeito e o PI português; o Pretérito de aspeto perfeito e o Pretérito Perfeito Simples), o que poderá, de certa forma, facilitar o reconhecimento numa L2 (o Português) de valores aspetuais presentes na sua língua materna, ainda que estejam configurados diferentemente.

⁶² Em relação à natureza lexical da expressão do aspeto em Russo, é usado o termo *Aktionsart* (ou modos de ação) para representar a lexicalização da distinção aspectual, diferenciando-se do termo Aspeto como conceito de gramaticalização de uma distinção semântica. De acordo com esta abordagem, são invocadas razões de ordem lexical como forma de distinguir os dois conceitos (*vide* Comrie 1976: 6-7, nota 4; Cohen 1989: 31).

⁶³ Existem na língua portuguesa afixos na estrutura interna dos verbos que transmitem informação aspetual, por exemplo, o verbo *saltitar*, cujo interfixo (-it) tem o valor aspetual iterativo, ou o verbo *ensurdecer*, que contém afixos com valor incoativo (*en-...-ec*) (Silva 2009: 33).

2.1 Oposições aspetuais (perfetivo/imperfetivo; pontual/durativo)

104 Sobre a oposição dicotómica entre as noções aspetuais de perfetividade e de imperfetividade, Comrie (1976: 21-24) circunscreveu os referidos conceitos às seguintes aceções: perfetividade envolve a falta de referência explícita à constituição temporal interna de uma situação, enquanto imperfetividade caracterizar-se-á, aparentemente, por uma referência explícita à estrutura interna temporal de uma situação, e por uma compatibilidade com a noção de perfetividade.

Estas aceções esclarecem algumas ambiguidades generalizadas sobre critérios semânticos associados a caracterizações inadequadas dos conceitos (Comrie 1976: 16). Um dos critérios é o da duração da situação, que não é exclusiva da esfera da imperfetividade. Apesar de o conceito de perfetividade perspetivar a situação como um todo, sem explicitar a estrutura interna da situação, poderá incluir a expressão de duração da situação. De facto, no Russo, é-nos veiculada informação aspetual, distribuída por meios lexicais, relativa a fases da estrutura interna da situação, mesmo quando se aborda a situação como um todo, como é o caso de formas pertencentes ao aspeto perfeito⁶⁴.

Ainda para o linguista (1976: 18-19), outros termos que frequentemente se associam à função de perfetividade – pontual e completa – não são totalmente adequados a todas as expressões de perfetividade, no sentido em que essas vertentes semânticas colidem de alguma forma com a própria delimitação do conceito. Tendo em conta o exemplo russo, numa forma perfetiva, a referência não explícita sobre a constituição interna da situação não invalida que a distribuição lexical do significado referencie explicitamente uma duração ou uma sucessão de fases de um intervalo de tempo, ainda que a situação seja encarada como um todo e de se tratar de uma situação momentânea. O termo pontual não se aplica, portanto, em todas as formas perfetivas, já que reduz conceptualmente a situação a um único ponto excluindo a complexidade interna da situação. Também a designação de *completa* atribuída geralmente a uma forma perfetiva não é adequada, não podendo ser considerada quando se analisa a língua russa, uma vez

⁶⁴ Vide Silva (2009: 53, nota 66)

que a informação aspetual relativa ao *terminus* de uma situação contradiz a própria definição de perfeitividade, que por si só não dá conta da explicitação dos limites temporais internos da situação.

Em relação ao campo da imperfetividade, na esteira de Comrie, poderemos concluir que: a utilização do termo duração não será generalizável para a caracterização de um subtipo aspetual de imperfetividade (dado que a duração também poderá ser expressa, em Russo, através de meios lexicais, por algumas formas perfectivas; por conseguinte, não é exclusiva da expressão da imperfetividade); a pontualidade, traço semântico característico de situações que não têm estrutura interna, não será compatível com a imperfetividade.

105

Também a expressão da imperfetividade e de subtipos aspetuais adjacentes – habitual *vs* contínuo; progressivo *vs* não progressivo – varia consoante a língua em questão, estando a sua utilização relacionada com propriedades do conteúdo lexical, cujas características temporais internas caracterizam uma situação que envolverá uma certa duração ou uma sequência de fases. Assim, a imperfetividade, campo de expressão que explicita especificidades internas da constituição da situação, sustentado, naturalmente, pelo significado inerente de itens lexicais, obedece a critérios de organização de cada língua, sendo, pois, de difícil generalização.⁶⁵

3. Hipótese de trabalho: o reconhecimento de oposições aspetuais

Sendo o sistema verbal das línguas eslavas estruturado em torno da categoria Aspeto – um sistema aspectual definido pela oposição perfeitivo/

⁶⁵ No caso da construção aspetual progressiva do Português Europeu <estar a + infinitivo>, que apresenta características de duração e de incompletude, é-nos fornecido ainda um significado de estaticidade, o que contraria em parte a definição de progressividade dada por Comrie (1976: 35) – “the combination of progressive meaning and nonstativity meaning”. Repare-se que, de acordo com esta abordagem de Comrie, o significado aspetual progressivo apenas poderá ser expresso por verbos cujas características temporais, inerentes ao significado lexical, permitam o tratamento de uma situação não estática. Por isso, o facto de um verbo ser estático impede a sua expressão numa forma progressiva, já que a progressividade contradiz a noção de estaticidade. É neste ponto que esta construção progressiva se insere na definição de progressividade de Comrie, no sentido em que verbos estáticos não poderão ser expressos pelo operador aspetual progressivo. A esse propósito, confronte-se esta informação com a **nota 72** da presente comunicação, para se refletir sobre o fenómeno do desconhecimento das propriedades aspetuais inerentes a verbos estáticos por falantes de PLNM.

imperfeito⁶⁶ – procurámos saber se os inquiridos teriam facilidade em reconhecer esta oposição aspectual configurada em outro suporte, subordinada à categoria do *Tempo* e sustentada através da oposição entre o Pretérito Perfeito e o Pretérito Imperfeito.

Considerámos dois possíveis fatores de facilitação do reconhecimento de noções aspectuais: o contexto de imersão e a língua materna, ambos testados no inquérito.⁶⁷

3.1. O contexto de imersão

Em relação ao primeiro fator, surgiram as seguintes questões:

- (i) *O simples facto de estarem imersos linguisticamente na comunidade levará estes falantes a reconhecer e a adquirir o valor imperfeito contido em algumas formas verbais portuguesas?*
- (ii) *Tendo em conta uma suposta facilidade em reconhecer a noção de imperfetividade, será que se pode considerar que esse reconhecimento é resultante apenas do contexto de imersão? E que os inquiridos utilizariam essa noção e consequentemente a reconheceriam no Pretérito Imperfeito?*

Definimos, então, o contexto de imersão como: *o contexto social e linguístico no qual o aprendente adquire a L2 exclusivamente pela interação comunicativa*.⁶⁸ Trata-se de um contexto natural de aquisição em que a L2 é usada para propósitos comunicativos do dia a dia (a rua e o local de trabalho); consideramo-lo facilitador pela aprendizagem incidental focada na comunicação com falantes nativos. Por fim, é um fator de ordem externa, extralinguístico, que influencia/facilita a aquisição de L2 (em conjunto com outros fatores externos – interação e o *input*).

⁶⁶ Vide Comrie (1976: 4- 50) e Cohen (1989: 7- 31).

⁶⁷ Na dissertação de Mestrado que está na origem do presente trabalho (Silva 2009) esteve presente outra variável – a influência da aprendizagem formal da língua segunda – que resolvemos não incluir nesta comunicação, uma vez que não se mostrou tão relevante para a diferenciação de valores aspectuais quanto as outras variáveis aqui apresentadas.

⁶⁸ Sobre o contexto de imersão *vd* Silva (2009: 14- 18).

3.2. A influência da língua materna

Em relação ao segundo fator – a influência da língua materna⁶⁹ –, e sendo a oposição aspectual perfeito/imperfeito interna ao sistema verbal russo, procurámos resposta para as seguintes questões:

- (iii) Conseguiriam os informantes reconhecer mais facilmente a oposição aspectual Pretérito Perfeito Simples e Pretérito Imperfeito na língua não materna, isto é, em Português?
- (iv) Conseguiriam reconhecer formas imperfetivas de Português, quando contrastadas com formas perfetivas?
- (v) Esse reconhecimento revelaria um estabelecimento de nexos aspetuais relativos a pontos de contacto com a sua língua materna?

107

4. Metodologia: descrição do inquérito e dos informantes

A pesquisa levada a cabo teve por base dados extraídos de um inquérito distribuído a imigrantes falantes de Russo e aprendentes de Português língua segunda, do qual faziam parte várias perguntas, sendo as primeiras destinadas a uma caracterização, ainda que sumária, do perfil dos informantes, e as segundas destinadas à testagem das formas de expressão do Aspeto em Português. Para estas, foram utilizados critérios de ordem semântica: reconhecer o sentido de uma frase como idêntico ou dissemelhante ao/do de outra frase⁷⁰. Ou seja, para cada pergunta ou conjunto de perguntas, foi pedido aos informantes que assinalassem as interpretações possíveis de frases distintas, testando formas com sentido idêntico/estrutura diferente e com estrutura (aparentemente) idêntica e sentido diferente. Como dissemos,

⁶⁹ Partindo de uma sugestão de Corder (1993: 9), adotámos na dissertação de Mestrado o termo *influência da língua materna* para, de uma forma abrangente, “ caracterizar supostas aplicações de recursos da L1 ou de outras línguas sobre a L2”; “a conjectura de ocorrência dessa influência (positiva ou negativa) do conhecimento prévio do aprendente (...) partirá da suposição de existência de características estruturais e de relações de sentido que poderão ser a explicação para determinados fenómenos de correção ou de incorreção (...)” (Silva 2009: 26).

⁷⁰ Exemplo: “Eu *trabalhava* na Ucrânia. / Eu *trabalhei* na Ucrânia.”.

era nosso intuito apurar dificuldades (ou facilidades) que este tipo de informantes declarasse, sob um ponto de vista semântico.

Foram inquiridos 54 falantes adultos⁷¹ – um grupo heterogêneo que, na sua maioria, comunica em Português em contexto laboral e/ou relacional, sendo que 26 informantes afirmaram ter aprendizagem formal da língua e 28 não. A média de idades dos que tiveram aprendizagem formal encontra-

108 -se entre os 33 anos, enquanto a média dos que não a tiveram é de 39 anos. No que respeita ao contexto de comunicação e aos interlocutores, um grande número dos inquiridos respondeu que comunica em português no trabalho (44 informantes) e na rua (36 informantes). O contexto predominante no qual comunicam em Português continua a ser, no entanto, o contexto laboral: 42 inquiridos comunicam com colegas de trabalho e 38 responderam que comunicam com amigos ou conhecidos – considerámos este, portanto, um critério para a suposição da influência do contexto de imersão.

Assim sendo, os contextos sociais e linguísticos mais relevantes são o contexto laboral seguido do contexto informal – a rua.

5. Análise dos dados

Para a análise dos dados, procurámos estabelecer correlações entre índices de correção/ reconhecimento de valores e as duas variáveis acima referidas – o contexto social e linguístico que envolve os falantes e a influência da língua materna.

Tendo em conta as correlações acima anunciadas, podemos dizer, em primeiro lugar, que detetámos a preferência pelo valor de habitualidade contido numa forma de presente, e que fazia parte de um exercício de distinção entre “Ele *janta* em casa.” e “Ele *janta* todos os dias em casa.”. Este facto evidencia a *combinação das duas variáveis – a influência da LM e do contexto de imersão*, sendo provavelmente justificável por se tratar de

⁷¹ O trabalho apresentado na dissertação de Mestrado (Silva 2009) pretendia inicialmente fazer uma análise estatística das respostas, correlacionando, como foi dito em 2., as diferentes variáveis. No entanto, dado o número reduzido de respostas, as constatações não terão validade suficiente. Por esse motivo, o texto presente resume apenas o que consideramos serem tendências a explorar mais em detalhe.

um valor aspetual comum a ambas as línguas (a russa e a portuguesa) e de ser ainda bastante usado no contexto que rodeia o inquirido.

Pelas respostas dadas, verificámos que é fator de reconhecimento de valores aspectuais provavelmente com relevância do contexto de imersão a *presença de elementos contextuais lexicais*, isto é, de adverbiais temporais (“Ele janta *todos os dias* em casa.”). Assim, alguns índices de correção no reconhecimento de formas imperfetivas poder-se-ão justificar pela presença de elementos contextuais lexicais, como, por exemplo, um adverbial temporal, e ainda pela exposição ao uso frequente da perifrástica e facilidade em usá-la.⁷² Com efeito, os falantes ouvem mais vezes a perifrástica, o que deve também estimular o seu uso, circunstância essa que corrobora a relevância do contexto de imersão relacionada com um índice maior de correção em informantes sem aprendizagem formal.

109

Uma outra condicionante – o uso de expressões adverbiais de tempo (“*Enquanto* a Maria trabalhava, o Vladimir dormia.” / “*No momento em que* a Maria estava a trabalhar o Vladimir estava a dormir”) – confirma uma preferência por elementos contextuais de tipo lexical, que poderá ser típica de informantes sem aprendizagem formal (Silva 2009: 93), tendo sido observada, desta feita, uma influência do contexto de imersão para este tipo de informantes.

A influência da LM não é fácil de avaliar, desde logo porque alguns falantes poderão não ter sido absolutamente precisos no que toca ao seu conhecimento do russo. Por este motivo, considerámos a possibilidade de estabelecimento de correlações de forma/sentido entre os dois sistemas linguísticos, quando apresentassem estruturas semelhantes – tipicamente, é o caso de *transfer positivo* de um adverbial que nos parece facilitar o reconhecimento da noção de perfeitividade presente numa forma de Mais-que-Perfeito (um tempo verbal que não existe na LM do inquirido).⁷³

⁷² A facilidade em conjugar a perifrástica poderá justificar-se pelo facto de os falantes apenas necessitarem de conhecer a flexão verbal do verbo *estar* e de a conjugar com o infinitivo de qualquer verbo. Esta foi uma informação obtida através do Doutor Vladimir Pliassov, que nos chamou a atenção, ainda, para a ocorrência de um possível erro quando este tipo de falantes incorre naquilo a que se chama de *over-use*: **estou a saber* em vez de *sei* (Silva 2009: 81, nota 109).

⁷³ A possibilidade de ocorrência de *transfer positivo* deste adverbial de contraste “refuta um parecer da investigação levada a cabo por Dietrich *et alii*. (1995) sobre uma improbabilidade

Se traduzirmos para russo a frase que dá o mote a uma das questões, com uma forma de MQP, observamos a presença necessária do elemento adverbial *uzbe* (*já*) para situar temporalmente a situação: “Quando o telefone tocou, eu *tinha feito* o jantar.” / “Kogda zazvonil telefon, ja *uzbe* prigotovil uzhin.” Sendo, portanto, utilizado este adverbial temporal para expressar a perfeitividade de uma situação em relação a outra, não é de estranhar que os inquiridos reconheçam essa função quando configurada na L2. Assim, e atendendo à estrutura do contexto frásico, poder-se-ia deduzir que, além da semelhança da função, também uma semelhança da estrutura poderá estar em causa, uma vez que o adverbial se posiciona antes do verbo, como em português. Por esse motivo, julgamos ser possível o adverbial *já* funcionar como um ponto de referência explícito que auxilie o reconhecimento da anterioridade e da perfeitividade de uma situação em relação a outra (Silva 2009: 94). A par do recurso à LM está o contexto de imersão, que coopera para a associação de sentidos.

Não obstante, outros casos são mais difíceis de interpretar. Por um lado, os aprendentes revelam dificuldade em reconhecer noções aspectuais também presentes na sua L1 – é o caso de valores imperfetivos configurados na forma de Pretérito Imperfeito simples – sustentadas apenas na morfologia da forma verbal em L2 (“Eu *trabalhava* na Ucrânia”), sem a coocorrência de um adverbial temporal no contexto frásico que esclareça o seu sentido. Note-se que nesta questão quase metade dos informantes não distinguiu semanticamente esta forma de outra no Pretérito Perfeito. Por outro lado, independentemente da aprendizagem formal a que tenham sido submetidos, há muitos que revelam facilidade em reconhecer o valor aspectual habitual – o que poderá indiciar uma ativação de recursos semânticos da L1 aplicados à L2 (“Ele *janta* em casa / Ele *janta* todos os dias em casa.”). Além da presença de um adverbial temporal, essa influência da LM está combinada, no nosso entender, com o contexto de imersão.

de ocorrerem fenómenos de transferências de palavras que envolvessem a temporalidade” (Silva 2009: 94).

Por outro lado ainda, o facto de o valor iterativo presente na forma de Pretérito Perfeito Composto, combinado com predicadores basicamente eventivos, ser pouco perceptível e de difícil compreensão para falantes de Português L2, quando surge sem o reforço de outros elementos contextuais, poderá explicar-se, em parte, pelo facto de na LM tal valor não poder ser expresso por um tempo composto, formado com o auxiliar *ter* + PP. Será isso que explica a diferença na facilidade de reconhecimento do valor simplesmente durativo em “Eu *tenho estado desempregado*”, por contraste com a dificuldade evidenciada no reconhecimento do valor iterativo em “Eu *tenho encontrado* a Maria esta semana.”

Terá sido, portanto, a ausência de correlações com a L1 que poderá ter travado o reconhecimento de certos valores aspectuais da L2, apesar do grau de imersão do aprendente na comunidade e do seu tempo de permanência no país, sendo esta observação confirmada pela elevada taxa de erro observada na questão do Pretérito Perfeito Composto. A presença de um adverbial temporal a especificar o valor aspectual singular de uma forma de PPC mostrou-se ineficaz, contrariamente à marcante tendência que confirma a informação fornecida pelos adverbiais temporais como necessária à contextualização e especificação aspectual de uma situação. Referimo-nos concretamente à questão em que os inquiridos não reconheceram o valor de iteratividade na forma “Eu *tenho encontrado* a Maria esta semana”, dado não terem associado o seu sentido a um contexto frásico com um adverbial “Eu encontrei a Maria *muitas vezes* esta semana.”

Em relação à oposição imperfetivo/perfetivo, o valor aspectual imperfetivo expresso apenas morfologicamente pela flexão verbal (sem o acompanhamento de adverbiais temporais) parece não ser suficientemente explícito para falantes adultos, ainda que faça parte de uma das noções estruturantes do sistema verbal da LM. Assim, e para finalizar, parece poder refutar-se a hipótese de uma suposta facilidade por parte deste tipo de informantes em reconhecer este valor aspectual noutra configuração – Pretérito Imperfeito simples – tendo eles apenas aprendido incidentalmente a língua em contexto real de comunicação.

6. Conclusão

112 Tendo em conta as correlações acima estabelecidas que, embora estatisticamente não suficientes, evidenciam possíveis tendências a explorar, parece-nos que o trabalho realizado permite as seguintes conclusões: (i) o contexto de imersão e a influência da LM surgem como possíveis condicionantes de um reconhecimento de oposições aspectuais; (ii) são dois fatores de facilitação que atuam em conjunto; (iii) o contexto de imersão não funciona sozinho (pelo menos no caso do PPC). Por outras palavras, a combinação destas condicionantes parece ser não só mais determinante para diferenciações aspectuais do que a atuação isolada de cada uma delas como também se revelou extremamente necessária, pois a operacionalidade singular de uma está, pelos vistos, interligada com a outra. Vejam-se os casos em que o contexto de imersão *per se* não poderá influenciar particularmente o falante se este não puder estabelecer pontos de contacto com a sua LM, ou com outra língua estrangeira que conhece, como por exemplo no reconhecimento do valor iterativo presente em algumas formas do PPC. Na verdade, a influência da LM (variável mais decisiva do que a influência da aprendizagem formal) parece ter mais peso do que o papel do contexto de imersão, uma vez que foram observados alguns casos possíveis de transferências positivas da LM.

Referências

- Cohen, D. (1989). *L'aspect verbal*. Paris: Presses Universitaires de France
- Comrie, B. (1976). *Aspect. An introduction to the study of verbal aspect and related problems*. 3ª Edição. Cambridge: Cambridge University Press.
- Corder, S. P. (1993). A Role for the mother tongue. In: S. Gass e L. Selinker (eds), *Language transfer in language learning*. Amsterdam: John Benjamins, 18 -30.
- Dietrich, R., W. Klein e C. Noyau (1995). *The acquisition of temporality in a second language*. Amsterdam: John Benjamins.
- Silva, Catarina Pereira (2009). Oposições aspectuais em Português Língua Segunda. O caso dos falantes de russo em contexto de imersão. Tese de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.